



**A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE  
FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS  
III CONGRESSO DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR  
II CONGRESSO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E  
RAPS**

# **LIVRO DE MEMÓRIAS**

**VOLUME 1**



**Autores:**

Maycon Leandro da Conceição  
Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior  
Taís Bleicher  
Simone Peixoto Conejo



A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE  
FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS  
III CONGRESSO DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR  
II CONGRESSO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E  
RAPS

## LIVRO DE MEMÓRIAS

VOLUME 1



**Autores:**

Maycon Leandro da Conceição  
Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior  
Taís Bleicher  
Simone Peixoto Conejo

Editora Omnis Scientia

**A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE FRENTE AOS  
DESAFIOS ATUAIS**

**III CONGRESSO DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR**

**II CONGRESSO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E RAPS**

**LIVRO DE MEMÓRIAS**

Volume 1

1ª Edição

TRIUNFO - PE

2022

## **Editor-Chefe**

Me. Daniel Luís Viana Cruz

## **Autores**

Maycon Leandro da Conceição

Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior

Taís Bleicher

Simone Peixoto Conejo

## **Conselho Editorial**

Dr. Cássio Brancalone

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Dr. Wendel José Teles Pontes

## **Editores de Área - Ciências da Saúde**

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Leandro dos Santos

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

## **Assistente Editorial**

Thialla Larangeira Amorim

## **Imagem de Capa**

Canva

## **Edição de Arte**

Vileide Vitória Larangeira Amorim

## **Revisão**

Os autores



**Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.**

**O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.**



**Universidade Federal de São Carlos**

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310 - São Carlos

CEP 13565-905 <https://www2.ufscar.br>

**A importância da interdisciplinaridade frente aos desafios atuais**

**III Congresso de Saúde Mental da UFSCar**

**II Congresso Internacional Universidade e RAPS**

**Livro de memórias**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Lumos Assessoria Editorial  
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

- I34 A importância da interdisciplinaridade frente aos desafios atuais : volume 1 [recurso eletrônico] / Maycon Leandro da Conceição ... [et al.]. — 1. ed. — Triunfo : Omnis Scientia, 2022.  
Dados eletrônicos (pdf).
- “Este livro é resultado do III Congresso de Saúde Mental da UFSCar, II Congresso Internacional Universidade e RAPS e do I Congresso Mirim de Saúde Mental da UFSCar, realizado em São Carlos-SP em outubro de 2019.”  
Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-5854-688-7  
DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7
1. Saúde mental - Congressos - Brasil. 2. Política de saúde mental - Brasil. 3. Doenças mentais - Psicologia. I. Conceição, Maycon Leandro da. II. Menezes Junior, Gustavo Emanuel Cerqueira. III. Bleicher Taís. IV. Conejo, Simone Peixoto. V. Título. CDD22: 362.20981

**Editora Omnis Scientia**

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

[editoraomnisscientia.com.br](http://editoraomnisscientia.com.br)

[contato@editoraomnisscientia.com.br](mailto:contato@editoraomnisscientia.com.br)



# PREFÁCIO

## NO CERRADO CRESCE UMA FLOR DA FRUTA DO LOBO

Jair Barbosa Neto<sup>1</sup>

Estamos vivendo em tempos áridos, com poucos investimentos e pouca valorização do trabalho nas universidades e na saúde, nos vemos em uma situação de menos recursos financeiros, materiais e estruturais, esta falta de investimentos faz lembrar muito o cerrado, que é o tipo de vegetação dominante na região de São Carlos, um ambiente árido, com poucos recursos, onde aconteceu o III Congresso de Saúde Mental da UFSCar.

No cerrado existe uma planta chamada fruta do lobo, ou lobeira, que, por si só, é um contrasenso, se pensarmos no arquétipo de lobo, um carnívoro que caça em matilhas.

Como pode existir uma fruta do lobo?

O lobo é o guará, um lobo diferente, onívoro e solitário, que se alimenta desta fruta e vive no cerrado.

A relação entre eles é ainda mais impressionante, o lobo costuma repousar debaixo da sombra desta planta, que geralmente se desenvolve próxima a formigueiros de saúvas, ele se protege do sol forte, e também, costuma, de vez em quando, fazer suas necessidades por ali, nos caminhos das saúvas. As saúvas coletam as sementes da fruta do lobo que são eliminadas nas fezes do guará, e levam para a entrada dos formigueiros, fazendo assim com que a fruta do lobo seja dispersada pelo cerrado e criando mais lugares de repouso para o lobo guará, mas não é aí que as coisas param, a fruta do lobo possui um tipo de antibiótico natural que controla um verme que afeta os rins dele, controlando assim sua doença.

No cerrado os recursos são poucos, muito sol, pouca água, pouca comida, este tipo de relação entre os seres nos traz uma lição para os ambientes áridos: a colaboração e a interdependência. E, apesar de parecer um arbusto sem graça, a lobeira possui uma flor roxa e amarela linda.

O III CSM da UFSCar nos traz este ensinamento o tempo todo: na aridez, temos que nos unir, caminhar juntos e juntas.

Nos textos que os leitores irão encontrar aqui neste e-book podemos perceber como os relacionamentos estão intimamente ligados à saúde mental, percebemos como a saúde mental pode ser construída ou destruída através das relações humanas e como podemos superar os desafios nos tempos áridos. Naquela época não tínhamos pandemia, mas já estávamos discutindo como construir resiliências.

<sup>1</sup> Doutor. Professor do departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos. Contato: [jairbneto@ufscar.br](mailto:jairbneto@ufscar.br)

O nascimento do Congresso de Saúde Mental da UFSCar está descrito de uma forma bem interessante e bastante consistente, ao ler este ebook vocês poderão entender como este congresso surgiu e como foi evoluindo ao longo do tempo, inclusive como surgiu e como se desenvolveu um congresso voltado para as crianças, que aconteceu concomitantemente ao congresso para os adultos, facilitando assim a presença das pessoas que têm filhos participarem do congresso e também a atuação em prol da saúde mental das crianças. Temos também reflexões sobre a loucura e a universidade, a cultura da alta performance, a política e sua relação com a clínica psicossocial, a saúde mental dos estudantes nos tempos de ataques às universidades, a universidade como promotora de saúde e as artes como forma de cuidado e inclusão das pessoas. Nossos coletivos se organizam para o cuidado de si e do outro, fechando o ciclo de ajudar a quem me ajuda, assim, vamos levando nossas vidas, construindo e compartilhando resiliências, transformando nossas necessidades em remédios e reciclando nossas energias! A luta continua, caminhando juntos, nos apoiando e dando espaço para o outro passar!

## **Caminhar / Rima da Caminhada**

Compositores: Geovana / Thaíde

“Caminhar

É dar espaço pra outro passar

Caminhar

É ver um sorriso em cada olhar

Eu quero a sua alegria

A sua felicidade e harmonia com os seus

Eu vou bem muito obrigada

Vivo acá com meus botões

Afinal, todos nós somos filhos de Deus

Se não dá para adiantar, meu bem, não atrasa

Se não dá para adiantar, meu bem, não atrasa

Saia dessa zona de conforto

Nesse mundo faz de conta você não é Peter Pan”

# INTRODUÇÃO

**Maycon Leandro da Conceição<sup>2</sup>**

Este livro é resultado do III Congresso de Saúde Mental da UFSCar: a importância da interdisciplinaridade frente aos desafios atuais; II Congresso Internacional Universidade e RAPS e do I Congresso Mirim de Saúde Mental da UFSCar, realizado no município de São Carlos- SP em outubro de 2019. Os trabalhos apresentados nesta obra foram redigidos exclusivamente para compor esta coletânea, portanto, são produções acadêmicas originais e inéditas. Assim, o objetivo é trazer debates e reflexões do campo da saúde mental (re) produzidas através de um olhar micropolítico, interdisciplinar, baseados em questões atuais e fundamentais sobre o sofrimento mental da comunidade universitária, dos trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial, saúde mental infanto-juvenil, universidade promotora de saúde, negociações políticas, sociais e culturais da clínica psicossocial, cultura da alta performance e movimentos artísticos culturais envolvendo a inclusão de crianças e adolescentes com deficiência.

A área temática de saúde mental, surge entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, com a redemocratização no Brasil. Sendo marco importantes por transformações vinculados à luta antiproibicionista, da proteção e atenção psicossocial nas últimas quatro décadas. Tais mudanças institucionais, epistemológicas, técnico-assistenciais, jurídico-políticas e socioculturais, caracterizam-se por um processo complexo, heterogêneo, plural, envolvendo diversos marcos legislativos (Leis, Portarias, Notas Técnicas e Decretos), relação entre sociedade e loucura contemporânea e, especialmente, das lutas de resistências movidas por diferentes atores sociais, como usuários dos serviços de saúde mental, familiares, intelectuais, parlamentares, gestores públicos e nos movimentos sociais. (AMARANTE, 2007).

Durante muitas décadas, o Brasil adotou o campo da saúde mental no viés das moralidades, paradigma do proibicionismo e sob o saber psiquiatrizante, designando-se as pessoas e sofrimento mental ao regime de segregação social. Ao longo do percurso de redemocratização da sociedade e mobilização do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial e Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), nos anos de 1980, impulsionaram os ideários do direito à saúde, da atenção integral e da universalidade, articulados ao Movimento Sanitário, consolidando-se com a aprovação da Lei Orgânica da Saúde em 1992, onde foi operacionalizado o Sistema Único de Saúde.

---

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos. Contato : mayconleandro819@gmail.com

Ao longo de vinte anos de implementação da Lei n ° 10.216 de 2001, avançaram iniciativas do modelo biopsicossocial, da expansão de novas prática do cuidado e asseguradas pela Política Nacional de Saúde Mental, responsável pelas diretrizes de políticas públicas no âmbito da Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas, através da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), como os Centros de Atenção Psicossocial, dentre outros serviços. Tais mudanças, implicaram deslocamentos dos sentidos sobre a biomedicalização, ressignificação da loucura e incorporação de outras formas de promoção da saúde mental, por exemplo, com a participação dos atores da universidade, mobilização dos movimentos artísticos-culturais e compreendidos a defesa dos direitos humanos, justiça social e dignidade humana.

Este e-book também pretende contribuir para o debate tão urgente do campo da saúde mental no atual contexto de enfrentamento à pandemia, decorrido por um novo coronavírus (SARS-CoV-2), ocasionando sofrimento e/ou adoecimento individuais e coletivos, impostos pelo “isolamento preventivo e social”. Portanto, analisar as estratégias de ações do Estado em garantir políticas públicas de saúde pública, fortalecimento do Sistema Único de Saúde, das universidades públicas brasileiras, a partir de diversos assuntos e linguagem acessível aqui retratados, sintetizam a produção e aplicação do conhecimento em saúde para o cuidado de base comunitária e do ensino, capacitação e extensão realizados nas universidades.

Esta obra está constituída em nove capítulos, cada um apresentando dimensões diversificada sobre conceitos, conteúdos e compartilhamento de pesquisas, revisões integrativas, ensaios de imagens e memórias, consideradas relevantes para o cenário regional, nacional e internacional. Ressalta-se que os escritos proporcionam diálogos entre trabalhos inseridos nos eixos norteadores: nas experiências interdisciplinares em Saúde Mental; Desafios atuais em Saúde Mental e sistemas universais de saúde; Saúde Mental na universidade: estudantes, técnicos e docentes; Saúde Mental e grupos vulneráveis.

Isto posto, o primeiro capítulo intitulado “Os Congressos de Saúde Mental da UFSCar e seus antecedentes: a coroação de uma história”, de Taís Bleicher, apresenta os apontamentos históricos e, especialmente, a trajetória de transformações e de fortalecimento do congresso, desde a sua primeira edição em 2016. Representando um crucial cenário de encontros entre pesquisadores, discentes, docentes e trabalhadores e movimentos sociais, voltados para a promoção de conhecimentos que envolvem as diversas áreas do campo dedicados ao tema da Saúde Mental. Outro aspecto importante demonstrado pela autora é relativo as ações universidade em promover atividades de ensino, pesquisa, extensão e programas de acolhimento à saúde mental, no âmbito da UFSCar e Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

O capítulo de Amarilio Ferreira Junior, “Elogio da loucura e produção do conhecimento: acumulação de bens simbólicos e sofrimento na universidade”, traz importantes contribuições da literatura de sistematização da área de saúde mental, inseridos no contexto de diferentes

saberes e examina questões da saúde mental dos trabalhadores e saúde mental dos docentes vinculados ao Sistema Federal de Ensino Superior.

Em seguida, Natália Pressuto Pennachioni e Giovanna da Silva Ferreira, em “A vida universitária e suas relações com a saúde mental dos estudantes”, descrevem os desafios e debates relativos as negociações estruturais, políticas, culturais e sociais, e, sobretudo, ao que se refere à permanência dos estudantes nas universidades públicas em interface com o processo de saúde-adoecimento. Nesse sentido, o próximo capítulo “O que é uma universidade promotora de saúde”, de Irma da Silva Brito, Alexandre de Assis Bueno e Renata Alessandra Evangelista, analisam as diretrizes das Universidades e as Instituições de Ensino Superior (UIES). Os autores analisam as contribuições do papel do ensino superior para a sociedade e aprendizagem, competitividade, da inovação e do avanço da tecnologia, valores do regime democrático e na expansão da cidadania, aumento da formação cultural e política da população.

No capítulo intitulado “Saúde Mental do trabalhador da alta performance: o caso do trabalhador em saúde”. Os autores analisam a saúde mental dos trabalhadores na cultura da alta performance e através da perspectiva de uma Nova Gestão Pública. O ensaio traz luz aos debates das consequências do trabalho como instrumentos de produção das subjetividades, sendo, portanto, o trabalho em Saúde e na Educação Permanente em Saúde como projetos e movimentos que influenciam a promoção da capacidade analítica e de coletivos.

Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior, no artigo “Clínica e Política: intersecções necessárias na construção de tecnologias de cuidado na perspectiva psicossocial e da integralidade”, argumenta o protagonismo dos trabalhadores como atores fundamentais nas transformações sociais, culturais e políticas da clínica psicossocial. Ao longo do capítulo o autor propõe demonstrar o percurso de transformações no modelo assistencial em Saúde Mental e o papel dos sujeitos, em suas complexas relações sociais e do sofrimento psíquico.

Posteriormente, o capítulo “Não tão distante dali: a experiência do I Congresso Mirim de Saúde Mental”, compartilham o relato de experiência do primeiro encontro envolvendo o Congresso Mirim, argumentando a importância da promoção em saúde mental para as crianças e adolescentes, com o surgimento de um espaço seguro para que as mesmas expressassem suas percepções em torno da temática em saúde mental. Outro aspecto do Congresso Mirim está relacionado com iniciativas de suporte a estudantes e pesquisadores na UFSCar e entrelaçados com as diretrizes do Programa Nacional de Assistência Estudantil.

Por fim, Raquel Ortega, Alexandre Carneiro e Thamires Campos, em “Estudo de caso: o teatro como ferramenta de intervenção com adolescente diagnosticado com transtorno do espectro autista”, apresentam um estudo de caso relativo aos movimentos artísticos na inclusão social. Para examinar tal reflexão, ressalta-se a importância do trabalho multidisciplinar das áreas de Terapia Ocupacional, Arteterapia e Teatro realizados pelo centro de desenvolvimento humano Inclusione, na cidade de Campinas-SP, cartografia

tal que se propõe a habilitar e reabilitar crianças, jovens e adultos com deficiência na esfera da saúde mental a partir da perspectiva cultural. Ademais, o último capítulo “Luz, Câmera e Inclusão”. Os autores compartilham o caderno de imagens e memória da obra teatral “A nova roupa do rei!”, sendo um instrumento de inclusão através do Teatro Terapêutico.

Almejamos que o e-book contribua para o desenvolvimento da área da saúde mental, compreendidos em diversas abordagens teóricas-metodológicas e interface interdisciplinar com diversos contextos sociopolíticos, sociais e saberes em saúde mental. Nesse sentido, acreditamos que o compartilhamento de experiências dos trabalhos reunidos nesta coletânea, estimule o debate aos estudantes de graduação, pós-graduação, docentes, pesquisadores, público em geral e trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial para contato com as produções científicas sobre a área da saúde.

## **REFERÊNCIAS**

AMARANTE, Paulo. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. /Paulo Amarante. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

# SUMÁRIO

**CAPÍTULO 1.....17**

**OS CONGRESSOS DE SAÚDE MENTAL DA UFSCAR E SEUS ANTECEDENTES: A COROAÇÃO DE UMA HISTÓRIA**

Taís Bleicher

**DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/17-28**

**CAPÍTULO 2.....29**

**ELOGIO DA LOUCURA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: ACUMULAÇÃO DE BENS SIMBÓLICOS E SOFRIMENTO NA UNIVERSIDADE**

Amarilio Ferreira Junior

**DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/29-43**

**CAPÍTULO 3.....44**

**A VIDA UNIVERSITÁRIA E SUAS RELAÇÕES COM A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES**

Natália Pressuto Pennachioni

Giovanna da Silva Ferreira

**DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/44-59**

**CAPÍTULO 4.....60**

**O QUE É UMA UNIVERSIDADE PROMOTORA DE SAÚDE**

Irma da Silva Brito

Alexandre de Assis Bueno

Renata Alessandra Evangelista

**DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/60-70**

<b>CAPÍTULO 5.....</b>	<b>71</b>
<b>SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR NA CULTURA DA ALTA PERFORMANCE: O CASO DO TRABALHO EM SAÚDE</b>	
Cinira Magali Fortuna	
Maristel Kasper	
Adriana Barbieri Feliciano	
<b>DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/71-83</b>	
<b>CAPÍTULO 6.....</b>	<b>84</b>
<b>CLÍNICA E POLÍTICA: INTERSECÇÕES NECESSÁRIAS NA CONSTRUÇÃO DE TECNOLOGIAS DE CUIDADO NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL E DA INTEGRALIDADE</b>	
Gustavo Emanuel Cerqueira Menezes Junior	
<b>DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/84-95</b>	
<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>96</b>
<b>NÃO TÃO DISTANTE DALI: A EXPERIÊNCIA DO I CONGRESSO MIRIM DE SAÚDE MENTAL</b>	
Maria Fernanda Barboza Cid	
Larissa Campagna Martini	
Jacqueline Denubila Costa	
Fernanda de Andrade Leite Fernandes	
Alice Fernandes de Andrade	
Ervelley Moreira dos Santos Cardoso	
Kétlin Cristina Ferreira	
Letícia Lima dos Santos	
Leticia Lorbieski	
Renita de Cássia dos Santos Freitas	
<b>DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/96-107</b>	

**CAPÍTULO 8.....108**

**ESTUDO DE CASO: O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTE DIAGNOSTICADO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Raquel Helena Roland Ortega

Alexandre de Sousa Carneiro

Thamires Romêro Campos

**DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/108-117**

**CAPÍTULO 9.....118**

**LUZ, CÂMERA E INCLUSÃO**

Raquel Helena Roland Ortega

Alexandre de Sousa Carneiro

Thamires Romêro Campos

**DOI: 10.47094/978-65-5854-688-7/118-128**

### A VIDA UNIVERSITÁRIA E SUAS RELAÇÕES COM A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES

**Natália Pressuto Pennachioni<sup>30</sup>**

**Giovanna da Silva Ferreira<sup>31</sup>**

*“(...) Entretanto, ainda que os versos não sejam livres,  
nem previsto o verdadeiro carnaval,  
Não foi sempre assim.  
E não será sempre assim.  
Disso tudo sabemos.  
Pois ouça.  
Longe, ao fundo.  
Os insultos dos insistentes.  
Despertos. De prontidão.  
Serão maiores”  
-Manifesto ao Alvorecer.  
Maurício Costa de Carvalho*

## CONTEXTUALIZAÇÃO

### OS ATAQUES À EDUCAÇÃO PÚBLICA E O PERFIL UNIVERSITÁRIO

Os problemas e propostas acerca da saúde mental vêm conquistando importantes espaços de discussão. Na Universidade, isso não é diferente. Porém, não se pode analisar o cenário somente com a perspectiva individual, como com pequenas ações que atinjam apenas um grupo seleto de pessoas. Logo, para entender melhor quais aspectos perpassam a pauta, é interessante debruçar-se nas questões conjunturais, políticas, culturais e sociais, principalmente, ao que se refere à permanência dos estudantes nas universidades públicas, pois essas questões fazem parte da determinação social do processo saúde-doença, incluindo, da saúde mental.

---

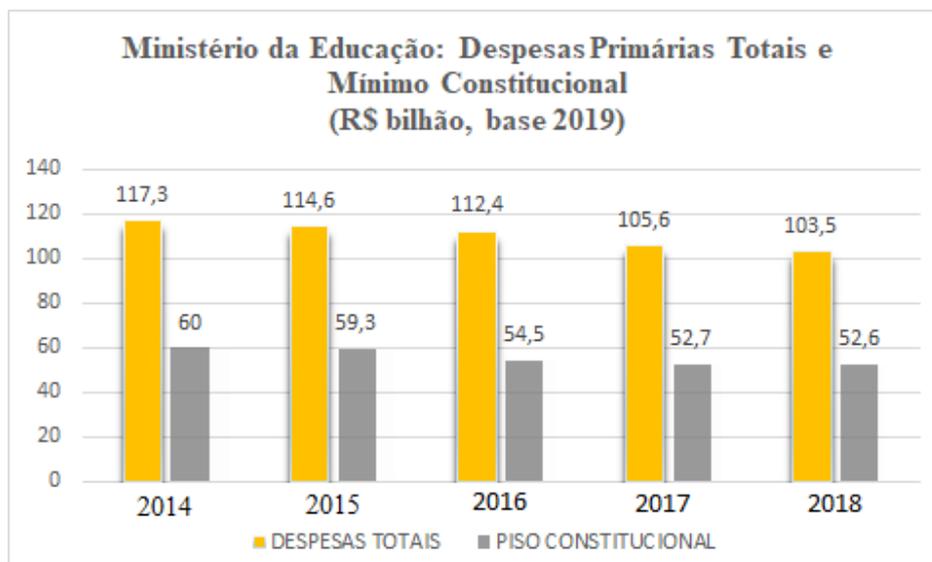
30 Estudante de Graduação do Departamento de Enfermagem da UFSCar; Ex Membro do Centro Acadêmico da Enfermagem e do Diretório Central do Estudantes Livre da UFSCar (Gestão 2015 e 2019); nataliapennachioni@estudante.ufscar.br

31 Estudante de Graduação do Departamento de Enfermagem da UFSCar; Coordenadora Geral do Centro Acadêmico da Enfermagem e Ex Membro Diretório Central do Estudantes Livre da UFSCar (Gestão 2019); giovannasf@estudante.ufscar.br

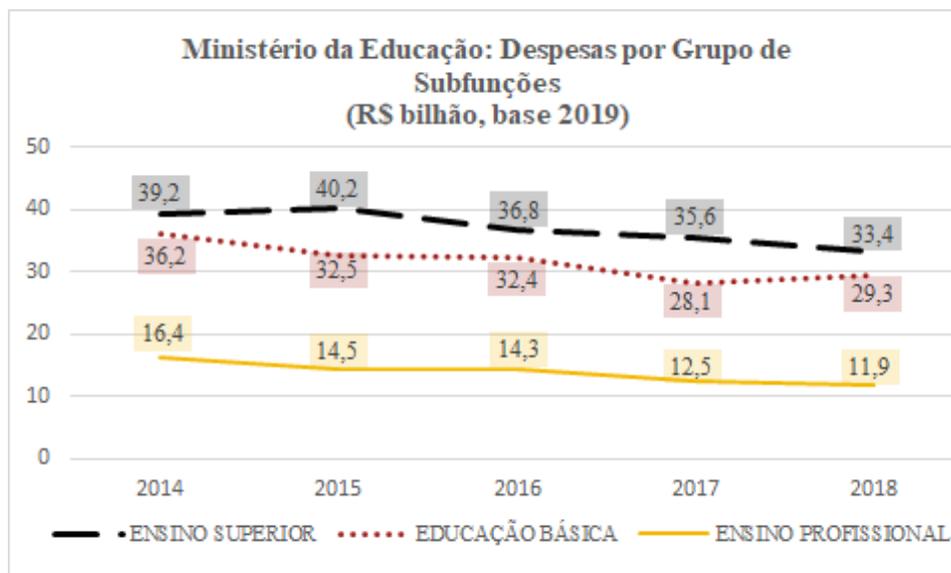
Por isso, para compreender a situação atual, é preciso situar-se no sistema de produção capitalista e analisar suas ideologias, como a cultura do desempenho e a meritocracia, que atravessam cada indivíduo onde quer que esteja. Essas ideologias não são invenções das instituições ou organizações sociais, mas, sim, apropriadas por elas, até mesmo pelas universidades, espaço em que o sucesso está associado à capacidade de produção dos estudantes, partindo de uma noção excludente que visualiza a todos como iguais e, portanto, com as mesmas oportunidades. Nessa perspectiva, o indivíduo é responsabilizado por seu sucesso ou fracasso, desconsiderando as possíveis interferências concretas de suas particularidades. Além disso, esse discurso acaba isolando o lugar de produção do trabalho de seu contexto e tirando a responsabilidade do debate sociopolítico (MUSSI, 2019).

Outro cenário importante de ressaltar é a respeito das grandes reformas ocorridas no Ensino Superior do Brasil, nos últimos anos. No período 2014-2018, as despesas do Ministério da Educação apresentaram queda acumulada de 11,7%, especificamente, no ensino superior, observando-se uma redução de 15%. Posteriormente, no ano de 2019, no governo Bolsonaro (em 2019, PSL; hoje, sem partido), foi determinado o congelamento de cerca de 5 bilhões de reais de investimento previstos para a Educação, atingindo a retirada de investimentos de 1,7 bilhões de reais das Universidades e Institutos Federais. Portanto, esse retrocesso totalizou uma década de cortes.

**Figura 1:** Siafi e STN; valores corrigidos pelo IPCA; despesas pagas no exercício, inclusive restos a pagar em INFORMATIVO TÉCNICO Nº 6/2019-CONOF/CD MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: DESPESAS PRIMÁRIAS PAGAS 2014-2018 E IMPACTO DA EC Nº 95/2016.



**Figura 2:** Siafi; valores corrigidos pelo IPCA; despesas pagas no exercício, inclusive restos a pagar em INFORMATIVO TÉCNICO Nº 6/2019-CONOF/CD MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: DESPESAS PRIMÁRIAS PAGAS 2014-2018 E IMPACTO DA EC Nº 95/2016.



Pautar o subfinanciamento - quiçá desfinanciamento - da Educação pública brasileira, diz muito sobre o reflexo da conjuntura política da permanência estudantil dentro das Universidades. Sendo assim, a forma como os estudantes universitários são pensados, tratados e educados, interfere não somente em sua formação acadêmica e profissional, mas, também, em sua formação e personalidade ético-política, visto que não há o rompimento de uma vivência que sofre com interferências subalternas (SILVA, 2016 apud DA SILVA, 2018).

Portanto, é possível afirmar que as condições financeiras dos estudantes em ensino público superior têm grande relação com o desenvolvimento acadêmico e saúde mental e, conseqüentemente, os desafios socioeconômicos enfrentados por esses estudantes são os principais fatores que proporcionam a evasão do ensino superior (ROSA; RIBEIRO, 2017 apud LEAL, 2019). A garantia do ingresso e direito à educação superior, proporcionada pelo ensino público, só é, de fato, assegurada quando lhes são dadas as condições necessárias à permanência estudantil, pois mesmo com o ensino gratuito, as despesas para garantia do desenvolvimento do estudante permeiam os gastos com livros, moradia, alimentação, vestimenta, entre outros (LEAL, 2019), o que leva a uma necessidade, por parte de muitos dos estudantes, de ingressar no mercado de trabalho.

Apesar da necessidade do ingresso no mercado de trabalho, esta não é uma tarefa fácil. De acordo com o IBGE, a taxa de desemprego entre jovens de 18 a 24 anos, esteve acima da média nacional, atingindo o percentual de 27,1% no primeiro semestre de 2020. Considerando que a faixa etária abordada corresponde, predominantemente, aos jovens ingressantes no ensino superior, é notório o quanto o fator socioeconômico interfere no desempenho acadêmico, visto que os estudantes necessitam de amparo material e estrutural (LEAL, 2019). Vale ressaltar, também, que os jovens que conseguem ingressar no

mercado de trabalho são vítimas de uma outra problemática: o isolamento, pois, enquanto trabalham, acabam afastando-se das atividades acadêmicas e da socialização com seus pares (ROSA; RIBEIRO, 2017 apud LEAL, 2019).

Entendendo o trabalho - no caso, estudo - e a classe social como determinantes no processo saúde-doença, precisa-se caracterizar a rotina do estudante e pesquisador universitário. Muitas das matrizes curriculares da graduação exigem a presença em sala de aula por mais de 30 horas semanais, além da imensa carga de trabalhos extraclasse. Esse fato desconsidera que muitos universitários precisam trabalhar e, ainda, passam por um processo de ruptura e redescoberta de si, devido às mudanças e às readaptações ao novo cotidiano, como a transição da adolescência para a vida adulta, a modificação dos papéis vivenciados até então, a adaptação na vida acadêmica, o distanciamento da família e a necessidade de ingresso em uma nova rede social, situações que, por si só, geram intenso sofrimento (AZEVEDO, 2013).

Essa situação os impede de terem tempo para o ócio para consolidarem novos relacionamentos e faz com que passem pela pressão de não conseguirem responder muitas das demandas que lhes são colocadas, mas, sem condições para serem realizadas. Sendo assim, o sujeito entra em desgaste mental e emocional (DEJOURS, 2007 apud CARDOSO, 2015). Sabe-se, também, que muitos ingressam na universidade com a expectativa de desenvolver-se como estudiosos e pesquisadores, porém, mesmo nas universidades mais progressistas, intituladas como espaços de práticas “libertadoras”, ainda vemos a reprodução de uma educação bancária, ou seja, constituída por aulas expositivas, pela exacerbada transmissão de informação e por pouca integração entre outras disciplinas, dificultando a emancipação do graduando e a manutenção do seu interesse. Ademais, como já discutido, o jovem nessa situação depara-se com um processo de desfinanciamento da pesquisa e universidade brasileira.

Sendo assim, sem conseguir se manter com bolsas de pesquisa, que inclusive estão cada vez mais escassas, veem também o desmonte da permanência estudantil clássica, em que os estudos se tornam limitados pela falta de recursos básicos, os quais deveriam ser responsabilidade das universidades a fim de promover um ambiente propício às necessidades do acadêmico (LEAL, 2019). As bolsas escassas, por sua vez, influenciam o desenvolvimento de um espírito de competitividade e o aumento da pressão para maior carga de produção científica no meio acadêmico (VENTURINI; GOULART, 2016 apud LEAL, 2019).

Como discutido, a cultura do desempenho, intrínseca à universidade, além de fomentar a competitividade com o aumento do produtivismo acadêmico, gera indivíduos com o sentimento de necessidade constantemente de atualizar-se com cursos e qualificações. Assim, nasce um senso diário de incompletude, somado à sensação de que não realizou todas as tarefas previstas para aquele dia, deixando, além de tudo, a impressão de que o dia não teve início, meio e fim (COSTA; NEBEL, 2018). Esses sentimentos ocorrem porque,

em sua rotina, são propostos prazos pouco flexíveis, baixa frequência de avaliação de projetos e ansiedade em colocar-se nas “defesas” que indica, por si só, um ataque no processo de avaliação (ARTHURO, 2012 apud COSTA; NEBEL, 2018).

Há de se destacar a intensificação de um trabalho cada vez mais personalizado e personalista, com raras interlocuções com outros pesquisadores, em que os cientistas se desdobram cada vez mais pela sua produção acadêmica, até quase ser a própria produção acadêmica. Essa situação culmina no que Byung-Chul Han (2015) caracteriza como a “Sociedade do Cansaço”, conceito designado a pessoas cansadas tanto fisicamente quanto psicologicamente, desdobrando-se no aumento de ansiosos e depressivos na sociedade. Como consequência do indivíduo estar cada vez mais vigilante com a sua condição, ele encontra-se preso ao seu trabalho, principalmente, pela crescente dificuldade em conquistar seus direitos, como, por exemplo: a necessidade das bolsas de pesquisa serem entendidas como salário e, portanto, sendo passíveis de reajustes de acordo com as mudanças econômicas ocorridas do país; a carreira de pesquisador ou cientista ser reconhecida como profissão com devida regulamentação e contribuição do Estado à Previdência Social; a produção ser vista como fruto do ofício; ou mesmo a sua inclusão no Plano Nacional de Assistência estudantil.

**Tabela 1: FONAPRACE, 2014**

<b>Tipos de dificuldades que interferem significativamente na vida do universitário no contexto acadêmico</b>	<b>Frequência (%)</b>
Relacionamento familiar, amoroso ou social	50,27
Dificuldades financeiras	42,21
Dificuldade de aprendizado ou acesso a materiais e meios de estudo	34,55
Carga excessiva de trabalhos estudantis	31,14
Falta de disciplina/hábito de estudo	28,78
Adaptação a novas situações	21,85
Relação professor(a) – estudante	19,8
Carga horária excessiva de trabalho	17,45
Discriminações e preconceitos	9,76
Conflito de valores/conflitos religiosos	7,73
Situação de violência física, sexual ou psicológica	7,72

## **A SAÚDE MENTAL ESTUDANTIL EM PAUTA**

Apesar da falta de estudos epidemiológicos globais sobre o tema saúde mental dos estudantes nas universidades públicas, uma revisão sistemática, desenvolvida em 2019, evidenciou uma constância no número de publicações sobre a temática de Transtornos Mentais Comuns – TMC - em universitários, mantendo cerca de 10 publicações por ano nos últimos anos (2014 - 2019). Esses transtornos são caracterizados como estados mistos de depressão e ansiedade com a presença de sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e sintomas somáticos; no Brasil, já se provou

que a prevalência de TMC em universitários superou as taxas encontradas na população em geral. (GRANER; CERQUEIRA, 2019).

Não apenas os Transtornos Mentais Comuns têm se consolidado como preocupação, mas, a saúde mental na universidade, em geral, tem sido mais debatida mundialmente (figura 3), seja em como promovê-la, como também na prevenção de problemas relacionados à falta dela, inclusive o suicídio dessa população.

**Figura 3:** frequência das publicações que relacionam a busca dos termos “saúde mental” e “universidade”, na plataforma PubMed entre 2001 e 2021).



Torna-se importante ressaltar como a incidência do suicídio está em alta no Brasil e no mundo, de forma intensificada entre os jovens (CALIXTO FILHO; ZERBINI, 2016). Através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS, ao analisar os dados de 1996 até 2016, observa-se que a taxa de mortalidade por suicídio no Brasil teve um aumento de 29,4% (BRASIL 2018 apud MARCOLAN, SILVA, 2019). Um estudo de revisão sistemática em português mostra que os resultados a respeito da prevalência de ideação suicida entre universitários ainda são muito diversos a depender do local, tempo de estudo e graduação, variando a prevalência no último mês entre 1,6% entre estudantes de pós-graduação dos EUA e 14,3% nas amostras italianas (PEREIRA, CARDOSO, 2015). Já em um estudo de prevalência ao longo da vida, a ideação suicida entre adolescentes brasileiros não-universitários chegou a 36% (BORGES; WERLANG, 2006 apud PEREIRA; CARDOSO, 2015).

Contudo, independente de uma prevalência maior ou menor da incidência entre universitários comparados à população não-universitária, sabe-se que a faixa etária entre 15 e 29 anos representa a maior concentração dos suicídios, sendo a segunda maior causa de morte entre jovens, apesar de também acontecerem em diversos períodos da vida (MARCOLAN; SILVA, 2019). Para ilustrar, uma pesquisa realizada na UNICAMP, em 2019, demonstra que a maior taxa de tentativas de suicídio em Campinas é entre jovens e adolescentes de 15 a 19 anos, atingindo 59,9 pessoas a cada 100 mil habitantes, idade que coincide com a faixa etária de preparação para o ingresso e acesso à universidade; além disso, existe uma associação entre risco de suicídio e as doenças como depressão, ansiedade e estresse, que, por sua vez, são frequentes entre os universitários.

Apesar da revisão de Graner e Cerqueira, de 2019 não demonstrar um aumento nas publicações sobre saúde mental, o assunto tem sido mais discutido, publicamente, nos últimos anos. Como exemplo, nacionalmente, as campanhas sobre o “Setembro Amarelo”, mês de prevenção ao suicídio, fortaleceram-se, visto que em 2018 estudantes da UFSCar distribuíram laços amarelos e também canetas e papéis para os estudantes escreverem sobre os seus sentimentos no *campus* de São Carlos; em 2019, o Hospital Universitário da mesma universidade fez uma ação na entrada da unidade de saúde mental com palavras de incentivo sobre o assunto elaboradas pelos próprios pacientes internados; em 2020, a campanha ganhou ainda mais relevância por causa do isolamento social, sendo a principal pauta dos debates de saúde dos Centros Acadêmicos da área no estado de São Paulo.

Desde o começo da Campanha do setembro Amarelo, em 2015, no Brasil, as notificações de mortalidade por transtorno depressivo recorrente aumentaram, não se sabe ainda se esse aumento ocorreu devido ao “efeito contágio”, conceito que compreende que a disseminação do assunto poderia reforçar a ideação suicida, ou devido à diminuição da subnotificação, fato notado pelo aumento da divulgação estatística pelos serviços de saúde e mídias (OLIVEIRA et. al, 2020). As autoras, inclusive, debatem a impossibilidade de avaliar a redução dos números e tentativas de suicídio apenas pela via da racionalidade (OLIVEIRA et. al, 2020). Portanto, para maior eficácia das ações de prevenção, é importante intervir em outros fatores determinantes para as condições psicossociais.

Além dessas ações de prevenção ao suicídio já citadas, apresentam-se, também, outras, disseminando-se de forma desarticuladas e individualizadas, na tentativa de transformar a universidade em um local mais acolhedor e promotor de saúde mental, são elas: professores oferecendo terapia de imposição das mãos, práticas de yoga, aulas de dança, centros acadêmicos promovendo debates e fortalecendo os colegas de curso, o questionamento do uso e abuso de medicamentos, inclusive, psiquiátricos, para se manter na universidade. A figura 4, “Mostra da Graduação” do Instituto de Arquitetura da USP, revela as condições que os estudantes são submetidos e o que precisam fazer para questionar a situação e perceber que este é um problema coletivo. Todavia, a maioria dessas ações caracterizam-se como uma tentativa individual de abranger e lidar com a temática, mas, falham em responsabilizar e planejar alternativas à nível institucional e político.

**Figura 4:** Acervo pessoal de Karina Aguila Slan, 2017.



## A REALIDADE DAS POLÍTICAS VOLTADAS AOS ESTUDANTES

É fato que poucas universidades são um oásis no deserto diante da conjuntura nacional, pois o mais comum é ver a reprodução da prática neoliberal nesses espaços, apesar de não ser o que se preconiza no Plano Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, criado em 2008. Esse programa apresenta, em suas diretrizes, que a Assistência Estudantil é uma estratégia importante para o combate das desigualdades sociais dentro das Universidades, promovendo como ações nas áreas o direito à moradia estudantil, à alimentação, ao transporte, à assistência à saúde, à inclusão digital, à cultura, ao esporte, ao acesso à creche e ao apoio pedagógico.

Entendendo que as ações de assistência à saúde fazem parte da Assistência Estudantil, e mesmo sabendo que a Atenção à Saúde não entra nas atribuições do Ministério da Educação - MEC (BLEICHER; OLIVEIRA, 2016), é notória a importância dessa articulação. Isso porque a promoção de políticas voltadas à saúde dentro do ambiente universitário colabora com a redução de taxas de evasão das universidades e proporciona a inclusão social pela educação, garantindo a efetividade da proposta do PNAES. Dessa forma, diante dessa compreensão, analisa-se que não houve a captação e formação necessária dos profissionais do MEC. Portanto, como não há o conhecimento dessa pauta ou uma gestão de avaliação a ser cumprida, não há a análise geral dos mecanismos envolvendo a política em questão (BLEICHER; OLIVEIRA, 2016).

Atualmente, vemos práticas caminhando na contramão desse plano e pode-se exemplificar a falta de formação trazida no parágrafo anterior a partir da terceirização da revisão das bolsas de permanência estudantil, situação ocorrida recentemente na Universidade Federal de São Carlos. Isso é um sinal de que não há uma análise geral

dos mecanismos envolvendo a política, nesse caso o PNAES, e há, também, uma autodesresponsabilização da, então, gestão da instituição<sup>32</sup>. Assim dizendo, a terceirização desse serviço colabora para uma perda da originalidade da política de Assistência Estudantil e tira do poder público, instituição e MEC, qualquer responsabilidade que isso possa causar. Esse exemplo é o estopim de um modelo que não atende de maneira adequada às demandas e exigências da comunidade estudantil.

Esse levantamento inicial é importante para compreender que a nossa política de Assistência Estudantil não oferece, em sua base, um olhar de envolvimento e construção de políticas para a saúde mental dos estudantes. Isso ocorre, não só pela falta de manejo e condução do Plano Nacional de Assistência Estudantil, mas, também, pelos espaços e ações que são conduzidas dentro das universidades, como é possível observar pela falta de democratização dos espaços de debates, como os Conselhos Universitários, inclusive, pela intimidação e pelo impedimento da entrada de alunos nesses espaços com seguranças armados; a priorização em condenar estudantes a pagar dezenas de milhares de reais por movimentos pacíficos de negociação de suas demandas a partir de ocupação sem danos ao patrimônio público do prédio da reitoria; a falta de investimento em espaços de convivência dos estudantes, tal como a retirada e apagamento da memória das lutas do movimento estudantil, como, por exemplo, a intenção de demolição do Palquinho da UFSCar São Carlos, - patrimônio histórico, local de resistência, debates políticos, cultura e intervenções artísticas dos estudantes e também de famosos - justamente no momento em que se debatia, internamente, no movimento estudantil, sua revitalização; a negligência com casos de assédios (figura 5) seja intra ou intercategorias; e o policiamento ostensivo dentro dos *campi*. Todos esses exemplos são condutas que trazem para a universidade um sistema autoritário de falsa segurança e que, conseqüentemente, afetam física e psicologicamente os estudantes.

**Figura 5:** Trecho de reportagem do site G1 São Carlos e Araraquara. ASSIS, Fabiana, 2019.

“Minha vida parou. Fiquei submetida a medicamentos e tratamentos, tenho medo de andar pelos lugares. Enquanto que os agressores estão vivendo uma vida normal, e eu aqui, padecendo até com o fato de a universidade sequer deixar que vejamos o processo. Eu espero que a justiça seja feita”, disse.

32 As críticas e fatos narrados nesse parágrafo e no seguinte fazem referência à gestão da UFSCar no período de realização do congresso, ou seja, a gestão de 2016 a 2020.

## DEMANDAS E EXPERIÊNCIAS PROMOTORAS DE SAÚDE MENTAL

Não se pode negar que a consolidação da Política Nacional de Assistência Estudantil é um marco na construção de estratégias que buscam a democratização das instituições de Ensino Superior no Brasil (PENHA et. al, 2020); e que essa ação, quando bem efetuada, promove grandes avanços à vivência e atenção psicossocial universitária. Mas, ainda há muito para se construir, pois o estigma da saúde mental perdura por vários espaços e a Universidade não foge disso. Por isso, é importante pautar a necessidade de desenvolver informações e campanhas educativas para a divulgação dos trabalhos sobre o tema (PENHA et. al, 2020), e uma construção política coletiva visando a promoção de comportamento geradores de saúde em sua forma integral, de forma a superar a polaridade “prevenção e cura”.

Portanto, é preciso debater políticas que articulem diversos serviços e setores, não só de dentro da universidade, mas, também, fora dela, que dizem respeito à renda, à democracia e aos espaços de poderes decisórios mais amplos, à ambientes acolhedores, à produção de conhecimento conjunto e não tutelado, à cultura, ao lazer e ao direito ao ócio. Essas ações são importantes, pois a integralidade pode ser disparadora de melhorias nas condições de vida dos usuários (BEDIN; SCARPARO, 2011), inclusive, porque as outras necessidades de saúde continuam sendo apresentadas (ALVES, 2001 apud BEDIN; SCARPARO, 2011) e elas se afetam mutuamente. Por que, então, não implementar os modelos de conselhos gestores de saúde também nas universidades ou assembleias multicategorias frequentes, de forma institucional, como acontecem nos Centros de Atenção Psicossocial? Com essas medidas, seria possível mudar o caráter organizacional da instituição, corresponsabilizar as entidades envolvidas, dar autonomia a todos e estabelecer, conjuntamente, as prioridades com quem ali mora, circula ou gere o espaço.

Lembrando que o lúdico e o lazer também são protetores para a saúde mental, por serem considerados amortecedores do estresse. Sendo assim, espaços como o Palquinho, também, são extremamente importantes de serem revitalizados e fomentados, inclusive, por ter condições ambientais propícias para ali estar, como o conforto térmico das árvores e o verde em seu entorno. É por isso que espaços como esse precisam ser compreendidos para além da utilização de álcool e outras drogas, apesar de ser importante, também, descriminalizar seu uso, por, também, fazer parte do lazer.

São locais assim que permitem as trocas culturais, as atividades artísticas e, também, são nesses locais que os membros da comunidade podem ter complemento de renda através da comercialização do que produzem, além de fomento dos artistas independentes e debates relevantes para o dia a dia do estudante. Também é importante pontuar que, por exemplo, atividades como a festa junina da moradia estudantil da UFSCar São Carlos auxiliam a arrecadação de dinheiro para complementar a estrutura precária de seus prédios, mesmo não sendo função dos estudantes, e, até mesmo, as festas de calourada e outros eventos dos Centros e Diretórios Acadêmicos, buscam, em sua maioria, a arrecadação de

dinheiro para auxiliar em alguma atividade do curso; porém, o que costumávamos vivenciar é a perseguição a essas ações.

Dessa forma, há a necessidade de proporcionar e investir no desenvolvimento dessas atividades e espaços, construir vínculos e redes de apoio, e estreitar a relação entre estudantes e instituição são ações que colaboraram com o engajamento acadêmico (PENHA et. al, 2020).

**Figura 6:** Cartaz de divulgação de recepção dos calouros do DCE 2015.



**Figura 7:** Acervo pessoal, Calourada DCE 2015.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que as reflexões aqui apresentadas não seriam possíveis se não fosse nosso envolvimento com o movimento estudantil, por isso, cada posicionamento e reivindicação vem de um lugar bem definido. Dessa forma, fazemos questão de agradecer a cada debate com a vitalidade dos nossos anos de juventude que nos ajudou a refletir, a questionar e a vivenciar muitos sonhos e planos por dias melhores dentro e fora da sala de aula.

Para, então, alcançarmos esses dias melhores queremos construir uma política psicossocial pela base, por todos nós e para todos nós, ou seja, com participação plena, integral, integrada e integradora de todos da sociedade. Para isso, não podemos ser criminalizados quando lutamos pelos direitos estudantis e nem subestimados pela qualidade das tomadas de decisão nos ambientes que nos cercam, porque não é assim que se produz saúde, mas, sim, construindo ações dignamente para uma sociedade inteira, com interações e trocas entre todos os indivíduos.

Encerramos o nosso ciclo de militância ativa no Movimento Estudantil com a certeza de que *anunciaremos a primavera* com cada semente ali plantada e cultivada.

Vida longa à força do Movimento Estudantil! Que ele possa sempre se reinventar e encantar a todos!

**Figura 8:** Acervo pessoal. Foto da nossa gestão do DCE Livre UFSCar, *Caminhando Contra o Vento*, eleita em dezembro de 2018.



**Figura 9:** Acervo pessoal. Foto da reunião do Coletivo Juntos, durante o XI Congresso dos Estudantes da UFSCar.



## REFERÊNCIAS

ARTHURO, S. **Depressão na Pós-Graduação e Pós-Doutorado**. 2012. Disponível em: <<https://umaincertaantropologia.org/2012/11/14/depressao-na-pos-graduacao-e-pos-doutorado-artigode-sergio-arthuro-jc/>>.

ASSIS, F. “Eu me sinto abandonada”, diz aluna da UFSCar que denunciou estupro em moradia há 6 meses. **G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos, 05 de maio de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/05/07/eu-me-sinto-abandonada-diz-aluna-da-ufscar-que-denunciou-estupro-em-moradia-ha-6-meses.ghtml>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

BEDIN, D. M.; SCARPARO, H. B. K. Integralidade e saúde mental no SUS à luz da teoria da complexidade de Edgar Morin. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 13, n. 2, p. 195-208, ago. 2011 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872011000200015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

BLEICHER, T.; OLIVEIRA, R. C. N. Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidades federais. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 20, n. 3, p. 543-549, Dec. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

CALIXTO FILHO, M.; ZERBINI, T.. Epidemiologia do suicídio no Brasil entre os anos de 2000 e 2010. **Saúde, Ética & Justiça**. 2016; v. 21 n. 2, p. 45-51

CARDOSO, A. C. M. O trabalho como determinante do processo saúde-doença. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 73-93, June 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702015000100073&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702015000100073&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em :

09 de fevereiro de 2021.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, Dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2005000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Fev. 2021.

Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira. INFORMATIVO TÉCNICO Nº 6/2019-CONOF/CD MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: DESPESAS PRIMÁRIAS PAGAS 2014-2018 E IMPACTO DA EC Nº 95/2016 (TETO DE GASTOS). Câmara dos Deputados. Brasília, 14 de fevereiro de 2019.

DA SILVA, A. Permanência estudantil no ensino superior: intersecções entre saúde mental e políticas públicas. **Qualidade de vida, esporte e lazer no cotidiano do universitário**, p. 93, 2018.

OLIVEIRA, M. E. C.; GOMES, K. A. L.; NÓBREGA, W. F. S.; GUSMÃO, E. C. R.; SANTOS, R. D.; FRANKLIN, R. G. Série temporal do suicídio no Brasil: o que mudou após o Setembro Amarelo? **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 48, p. e3191-e3191, 2020.

Departamento de Vigilância em Saúde DEVISA/SMS. Centro Colaborador em Análise de Situação de Saúde-CCAS/DSC/FCM/UNICAMP. Informe do Projeto de Monitorização dos Óbitos no Município de Campinas. Boletim Nº 57. MORTALIDADE POR SUICÍDIO. Campinas, São Paulo, 2019.

Em defesa do Palquinho. **Facebook DCE Livre UFSCar, 2019**. Disponível em <<https://www.facebook.com/119866884782714/videos/490739558430375>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

Estudantes que ocuparam reitoria da UFSCar são condenados a pagar R\$ 50 mil de indenização. **G1 São Carlos e Araraquara**, São Carlos, 08 maio de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/05/08/estudantes-que-ocuparam-reitoria-da-ufscar-sao-condenados-a-pagar-r-50-mil-de-indenizacao.ghtml>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil, **Polis** [Online], 50 | 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/polis/15816>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Ex-aluna protesta contra demolição do Palquinho da UFSCar. **São Carlos em Rede**, São Carlos, 05 de setembro de 2019. Disponível em <<https://saocarlosemrede.com.br/ex-aluna-protesta-contrademolicao-do-palquinho-da-ufscar/>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

FONSECA, M., O Estado de Minas. Política, **“Governos de Dilma e Temer também cortaram verbas da educação”**. Minas Gerais, 2019.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, Apr. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232019000401327&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401327&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

Hospital Universitário da UFSCar. Notícias. **HU-UFSCar promove ações no “Setembro Amarelo**. Setembro, 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 15 de Maio de 2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/ibge-taxa-de-desemprego-de-jovens-atinge-271-no-primeiro-trimestre>> Acesso em 09 de Fevereiro de 2021.

LEAL, K. S.; OLIVEIRA, P. D. S.; RODRIGUES, P. R. G.; FOGAÇA, F. F. S. Desafios enfrentados na universidade pública e a saúde mental dos estudantes. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 8, p. 59-69, 2019.

MARCOLAN, J. F.; DA SILVA, D. A. O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectos epidemiológicos e da política de prevenção. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 4, n. 7, p. 31-44, 2019.

MUSSI, A. E. Saúde mental e trabalho (Entrevista com Willian Mac Cormick). **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 7-14, fev. 2019. ISSN 2447-1798. Disponível em: <<https://psico.fae.emnuvens.com.br/psico/article/view/199/127>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PENHA, J. R. L.; OLIVEIRA, C. C.; MENDES, A. V. S. Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa/University student mental health: integrative review/Salud mental del estudiante universitario: revisión integrativa. **Journal Health NPEPS**, v. 5, n. 1, p. 369-395, 2020.

PEREIRA, A.; CARDOSO, F. Ideação suicida na população universitária: uma revisão da literatura. **Revista E-Psi**, 2015.

AZEVEDO, R. C. S. “Uso de drogas por universitários”. **Ensino Superior**, UNICAMP. n. 11, 12 de nov. 2013.

Reitoria da UFSCar inicia demolição do palquinho para construir anfiteatro/auditório a céu aberto. **Tribuna São Carlense**, São Carlos, 04 de setembro de 2019. Disponível em <<https://tribunasaocarlense.com.br/reitoria-da-ufscar-inicia-demolicao-do-palquinho-para-construir-anfiteatro-auditorio-a-ceu-aberto/>> Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

ROCHA, P. R.; DAVID, H. M. S. L. Determinação ou Determinantes? Uma discussão com

base na Teoria da Produção Social da Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 1, p. 129-135, 2015.

ROSA, C. M.; RIBEIRO, R. Percalços da permanência na educação superior: fatores socioeconômicos como condicionantes da evasão. **Revista Cocar**, v. 11, n. 21, p. 66-89, 2017.

SILVA, A. Marcadores sociais da diferença e permanência estudantil no ensino superior: notas e tensionamentos. **Revista Hipótese**, Itapetininga, v. 2, n. 3, 2016.

# Índice Reissivo

## A

- Ação do profissional 86
- Accountability (responsabilização individual do trabalhador) 71, 75
- Aceitação 104, 118
- Acessibilidade 120
- Agressão física 109
- A importância da interdisciplinaridade 10, 17, 23, 25, 27, 71
- Aprofundamento dos valores 60, 67
- Aritmética 32, 33
- Arte 40, 108, 110, 111, 116, 117, 118
- Arteterapia 12, 108, 116
- Atenção à saúde 17
- Atenção psicossocial 10, 11, 13, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 53, 88, 93, 94, 95
- Atendimentos domiciliares 109
- Atores com deficiência 118
- Atores e público 118
- Autonomia individual e coletiva 85
- Avaliação 48, 51, 63, 64, 65, 78, 90, 92, 97, 99
- Avanço da tecnologia 12, 60, 67

## C

- Cargos de gestão 60, 78
- Clínica política 84, 93
- Clínica psicossocial 8, 10, 12, 84, 93
- Clínica-saúde coletiva 85
- Comportamento 53, 58, 61, 67, 69, 109, 112, 114, 115
- Congresso de saúde mental 5, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 71, 97, 98, 105
- Congresso internacional 5, 10, 17, 23, 24, 27
- Congresso mirim de saúde mental 10, 12, 17, 23, 25, 97, 98, 101
- Contabilidade 32, 78
- Criação de conhecimentos 31, 40
- Crianças 8, 10, 12, 18, 26, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 116
- Cultura 8, 10, 12, 27, 30, 32, 38, 40, 45, 47, 51, 52, 53, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 76, 84, 86, 108
- Cultura da alta performance 8, 10, 12, 71, 74
- Cultura do desempenho 45, 47

## D

- Déficit na comunicação social 108
- Democracia 53, 60, 67
- Desenvolvimento da cidadania 60, 67

Desenvolvimento da comunidade 60  
Dinâmica social 85  
Docentes 11, 13, 25, 26, 29, 30, 31, 77

## E

Educação permanente em saúde 12, 71, 80, 81  
Empatia 99, 112, 113, 115, 118  
Enfermagem 17, 18, 19, 25, 27, 28, 44, 58, 60, 70, 71, 82, 84, 96  
Ensino 11, 12, 18, 26, 29, 31, 37, 39, 40, 41, 45, 46, 57, 59, 64, 66, 68, 70, 116  
Ensino superior 12, 17, 20, 27, 28, 45, 53, 58, 60, 61, 63, 64, 67, 69  
Etnias 109  
Extensão 11, 18, 19, 21, 22, 26, 31, 37, 39, 66, 105

## F

Falar de arte 108  
Ferramenta de transformação humana 110  
Formação cultural e política 12, 60, 67  
Formação de pessoas 31  
Função social 60

## G

Gestão pública 12, 71, 72, 81  
Gramática 32, 33

## I

Inclusão 13, 120  
Inovação 12, 25, 60, 64, 66, 67, 69  
Instituições 18, 20, 25, 45, 53, 61, 62, 63, 64, 65, 73, 77, 82, 86, 88, 90, 97, 111  
Interação social 79, 108, 110, 111

## L

Liberdade 76, 78, 80, 85, 91, 92, 111, 123  
Linguagem 11, 92, 108, 110

## M

Macrocontexto 86  
Macropolítica 86  
Medicina 7, 17, 18, 19, 65, 96, 106, 107  
Meritocracia 45  
Microcontexto 86  
Micropolítica 86

## O

Odontologia 17  
O poder da representatividade 128  
Organizações sociais 18, 45

## P

Padrões restritos e repetitivos de comportamento 108  
Pesquisa 11, 17, 18, 20, 26, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 49, 64, 65, 66, 67, 69, 96, 108, 110  
Planejamento 67, 97, 98, 99, 105  
Processo saúde-doença 44, 47, 56  
Processo terapêutico nas aulas de teatro 109  
Professores-pesquisadores 31, 37, 38, 39  
Psicologia 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 82, 94, 96, 117

## R

Realização 23, 25, 52, 97, 98, 101  
Reforma psiquiátrica brasileira 86, 88  
Relações sociais 12, 35, 37, 40, 85, 110  
Relato da experiência 97

## S

Saúde dos trabalhadores 20, 71, 72, 76  
Saúde mental 10, 11, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 58, 71, 75, 85, 87, 89, 94, 96, 100, 101, 106  
Saúde mental dos trabalhadores 11, 12, 29, 72, 79, 81  
Saúde mental infanto-juvenil 10, 97, 106, 107  
Síndrome de down 109  
Sistema de saúde 86, 90, 95  
Sistema federal de ensino superior 11, 29, 30  
Sociedade civil 25, 60, 62  
Sofrimento psíquico 12, 19, 20, 26, 57, 83, 85, 91  
Superação 88, 92, 118

## T

Teatro 12, 106, 108, 116, 118  
Teatro inclusivo 118  
Teatro inclusivo e terapêutico 109  
Teatro terapêutico 109, 112  
Terapia comportamental 109  
Terapia ocupacional 12, 17, 18, 19, 94, 96, 108, 110, 118  
Trabalhador acadêmico 31  
Trabalho em saúde 12, 71, 78, 79, 80, 81  
Trabalho multidisciplinar 12, 108  
Transtorno do espectro autista (tea) 108

## U

Universidades 12, 31, 41, 45, 46, 51, 60, 61, 63, 64, 68  
Universidades federais 31



**editoraomnisscientia@gmail.com** 

**<https://editoraomnisscientia.com.br/>** 

**@editora\_omnis\_scientia** 

**<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9>** 

**+55 (87) 9656-3565** 





**editoraomnisscientia@gmail.com** 

**<https://editoraomnisscientia.com.br/>** 

**@editora\_omnis\_scientia** 

**<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9>** 

**+55 (87) 9656-3565** 

